

## VERSÕES

Solitário em um canto da Casa Paladino Comestíveis, no centro do Rio de Janeiro, Luis Paulo tomava um chope e lia calmamente seu jornal. Era uma tarde de segunda-feira do início de março de 1996 e ele folheava atento a Revista de Domingo do Jornal do Brasil do dia anterior. A página inicial destacava a retomada dos Paralamas do Sucesso, que venceram o concurso Diretas na Música. A revista ressaltava a trajetória do grupo, já veterano na época, desde os pré-históricos shows no Western Club, em 1982, até os projetos daquele ano, que deram a eles os prêmios de melhor disco, melhor música e melhor show. Luis Paulo seguiu lendo a revista, passando pelos quadrinhos da Radical Chic, até que se deparou pela primeira vez com aquela crônica do mestre Luis Fernando Verissimo:

“Vivemos cercados pelas nossas alternativas, pelo que podíamos ter sido.

Ah, se apenas tivéssemos acertado aquele número (unzinho e eu ganhava a sena acumulada), topado aquele emprego, completado aquele curso, chegado antes, chegado depois, dito sim, dito não, ido para Londrina, casado com a Doralice, feito aquele teste...

Agora mesmo neste bar imaginário em que estou bebendo para esquecer o que não fiz – aliás, o nome do

bar é Imaginário – sentou um cara do meu lado direito e se apresentou:

— Eu sou você, se tivesse feito aquele teste no Botafogo.

E ele tem mesmo a minha idade e a minha cara. E o mesmo desconsolo.

— Por quê? Sua vida não foi melhor do que a minha?”.

Luis Paulo ria sozinho em sua mesa e já quase chamava a atenção dos clientes do bar com suas gargalhadas. Mais uma vez o mestre Verissimo se superava, em sua habilidade especial de, com humor, decifrar a alma humana. A crônica sobre o bar imaginário em que todos os personagens eram as versões de uma mesma pessoa, em função de suas possíveis escolhas na vida era simplesmente genial, e Luis Paulo a lia com atenção entre goles de chope.

“Olhei em volta. Eu lotava o bar. Todas as mesas estavam ocupadas por minhas alternativas e nenhuma parecia estar contente. Comentei com o barman que, no fim, quem estava com o melhor aspecto, ali, era eu mesmo.”

“Genial, genial”, pensou Luis Paulo, às gargalhadas. Pediu mais um chope e um sanduíche triplo, um dos clássicos do botequim que já foi considerado o mais charmoso do Rio de Janeiro.

Comeu calmamente o sanduíche e pediu a conta ao seu velho garçom, o grande Mário.

Teria um compromisso importante no dia seguinte.

## A CASA

Cecília acordou ansiosa naquela manhã. Seu pai estava viajando e prometera chegar a tempo de assistir sua primeira partida oficial de tênis na escolinha do Clube do Lago. Como havia dormido por volta da meia-noite, Cecília não sabia se ele havia chegado durante a madrugada.

— Ele não chegou. É claro que eu teria notado...

Ela havia passado o início da noite em vigília, à espera do pai, e, durante todo o dia, já havia crivado a mãe de perguntas sobre o horário da chegada tão aguardada. Tarde da noite, sua mãe a tirou da frente da velha Telefunken e a levou para o quarto, quando percebeu que a menina já cochilava, embora lutasse para resistir ao sono, entre uma cena e outra da Sessão Coruja, que exibia um filme em preto e branco.

O barulho do motor do Opel marrom podia ser ouvido desde o início da ladeira, sempre acompanhado por um toque de buzina inconfundível. Aquele sinal trazia a certeza de que, dentro de alguns minutos, o pai surgiria na casa, declamando: “Princesa Sissa, onde estás? Cavalguei pelas montanhas, atravessei lagos...”.

Ele subia as escadas do chalé bradando como um guerreiro que volta da batalha para sua princesa, e somente se calava depois de receber o seu prêmio, que era um beijo, carinhosamente estalado por Cecília em sua

bochecha. Às vezes, ele repetia essa cena em público e, embora Cecília corasse de vergonha, no fundo, adorava.

— Droga... Por isso não gosto de dormir cedo. Parece que deixamos a vida passar e não estamos aí para assistir...

Olhou no relógio e viu que ainda era cedo, seis e meia da manhã, e que a casa estava silenciosa. Era um chalé clássico, com dois andares, chaminé, varanda na frente, e dois quartos que se projetavam das laterais do teto inclinado, tão comum na arquitetura daquela região da Alemanha. Ficava no alto de um platô, e uma escada de pedra pelo meio do pequeno bosque conduzia ao jardim, amplo, florido, que terminava num grande quintal de cimento ao fundo. No andar térreo, havia três salas e a cozinha, onde a empregada, Frau Blucher, preparava delícias alemãs.

Das janelas dos quartos do andar superior era possível avistar todo o bairro, sempre que a neblina matinal permitia. Aquela manhã estava especialmente fria, mas não havia neve. A neblina, no entanto, impedia qualquer visão para além da rua. Cecília foi até a janela de seu quarto, na esperança de ver o Opel marrom estacionado em frente à casa, mas não o encontrou.

Saiu de seu quarto silenciosamente e caminhou até o corredor. A porta do quarto dos pais estava trancada. Voltou ao quarto e decidiu se deitar e tentar dormir mais um pouco. Afinal, tinha uma importante partida de tênis naquela tarde, e o repouso naquele momento seria fundamental.

Adormeceu. Acordou com aquela voz:

— Princesa Sissa, acorde para o desejo real.

Cecília abriu os olhos de súbito, mal acreditando no que ouvia. Antes que o pai precisasse fazer qualquer discurso, ela lançou-se em seus braços, cobrindo-o de beijos. Ele estava fora há mais de mês, numa destas intermináveis viagens de negócios para a América do Sul.

O pai de Cecília afastou-a para vê-la melhor. Estava com saudade daqueles olhos azuis que o fitavam com brilho, exalando a energia dos seus onze anos. Seus cabelos louros, lisos, caíam até o meio das costas, adornando seu rosto iluminado, com o seu delicado nariz e uma boca que lembrava a forma de um coração. Era magra, travessa, charmosa e sempre exibía um sorriso tão expressivo que o pai não conseguia deixar de se emocionar diante daquela criatura angelical.

Cecília olhou o café da manhã, com suco de laranja, ovos mexidos com queijo e presunto, croissants e geleia. Havia outra bandeja com um café da manhã igualzinho. Era de Joseph, seu irmão, quatro anos mais velho, que ainda não havia acordado. Amanda, sua outra irmã, de dezito anos, acordara mais cedo e comera com o pai na cozinha. Ele lhe deu mais um beijo e levantou-se dizendo:

— Vou levar o café de seu irmão antes que esfrie. Saboreie o café enquanto papai toma um banho. Nos encontramos no jardim, para eu contar da viagem e dar os presentes.

Cecília suspirou contente. Ele voltara.

## O HOSPITAL

A Clínica Radiológica Dr. Paulo Otávio Mattos, localizada em um edifício de três andares, anexo ao Hospital Metropolitano, no Jardim Botânico, é referência na área de diagnóstico por imagem, sendo o Metropolitano, por sua vez, considerado o melhor hospital do Rio de Janeiro.

Luis Paulo sabia bem o significado deste primeiro ano de residência para sua carreira, pois pretendia especializar-se justamente na área de radiologia. Recém-formado em medicina pela UFRJ, havia sido indicado para uma entrevista na clínica por uma colega de turma, sobrinha do Dr. Paulo Otávio.

Agora, lá estava ele em seu carro, naquela manhã de março de 1996, a caminho do primeiro dia de trabalho, vidros fechados, ar-condicionado ligado e aquele calor senegalês do lado de fora. Meninos equilibravam velhas bolas de tênis diante dele, malabaristas mambembes de um Rio de Janeiro maravilhoso e caótico. Apesar de ter conseguido tamanha oportunidade profissional, ele não estava feliz. Acordara incomodado com alguma coisa, que conseguia identificar com toda a clareza.

— “E se eu tivesse feito aquele teste para o Botafogo...”.

Soltou uma gargalhada e bateu no volante. No fundo, ele queria ser fotógrafo, mas nunca havia tido coragem de encarar os riscos dessa profissão.

Um amigo lhe disse que Sebastião Salgado, um dos maiores fotógrafos brasileiros, começou a fotografar

com mais de 30 anos, e que, antes, havia trabalhado como economista ou diplomata, algo assim. Ele não sabia se essa história era verdadeira, mas se sentiu aliviado por ter ainda 26 anos e todo o tempo do mundo para fazer o que realmente quisesse.

Apesar de ter se formado em Medicina, sentia um incômodo no exercício desse ofício, que colocava tantas vidas humanas na dependência direta de suas mãos, dos remédios por ele prescritos e das decisões por ele tomadas.

“Escolhas. Sempre elas. Fazemos as que podemos em cada momento”.

Tentou se consolar com o chavão psicanalítico, mas riu de novo. Ele já fora mais criativo nesses pensamentos. Resolveu se concentrar. Agora, era médico residente, e aquele seria justamente o seu primeiro dia do primeiro ano de atuação na área de radiologia.

Estacionou o carro e se dirigiu à recepção principal do hospital. A Clínica de Medicina Diagnóstica por Imagem se localizava nos fundos do apertado estacionamento, à direita, compondo o anexo do prédio principal do hospital, cujos andares, no total de seis, estavam posicionados em uma movimentada esquina do bairro. Embora pequeno, dispunha da melhor estrutura tecnológica em medicina da cidade.

Luis Paulo se dirigiu à recepção.

— A Dra. Maria Cristina Mattos, por favor.

Quando recebeu o telefonema confirmando que havia sido aceito no programa de pesquisas em tratamento por diagnóstico de imagem, desenvolvido pela Clínica, foi informado que deveria começar na segunda-feira seguinte,

e procurar pela Dra. Maria Cristina na recepção principal. Enquanto aguardava, olhou ao redor, observando o amplo saguão do hospital. Um painel à frente do balcão da recepção exibia os nomes de todos os médicos em ordem alfabética. Ao lado de cada nome, uma lâmpada e um discreto interruptor. Ao chegar ao hospital, passando pela recepção, cada médico acende a sua luz, e todos começam a procurá-lo. De fato, todos os que se dirigem a um hospital estão indo ao encontro de um médico ou, então, acabaram de consultá-lo. Tão logo surgem na recepção os médicos, como verdadeiras estrelas daquele cenário hospitalar, acabam rodeados por pacientes, familiares e amigos destes, sempre ávidos por informações.

O balcão da recepção ficava em frente ao blindex que dá acesso ao saguão. Ao cruzar a grande porta de vidro, sentia-se o vento cortante de um ar-condicionado glacial. À direita, um grande corredor, bastante largo, adornado por conjuntos de sofá e poltrona, cerca de seis em sequência, levava até a pequena capela ao fundo, em um hall que se abre antes do acesso ao setor de emergência.

Caminhou pelo corredor até a capelinha e, após alguns instantes de hesitação, não se conteve e entrou, fazendo o sinal da cruz. Ele não acreditava em bruxas, mas... Que elas existiam, existiam. Foi interrompido por uma voz grossa.

— Dr. Luis Paulo.

Virou-se rapidamente, assustado. Era um funcionário da recepção.

— A Dra. Maria Cristina está à sua espera. Por aqui, senhor.